

Além dos eubeus: imigrantes fenícios, comunidades itálicas em Pithecusa e suas contribuições

Beyond the Euboeans: Phoenician immigrants, italics communities in Pithecusa, and their contributions

Rodrigo Araújo de Lima*

Resumo: O presente artigo examina a questão da origem de Pithecusa, uma antiga cidade grega, localizada na ilha de Ischia, no Golfo de Nápoles. Ele investiga as disputas históricas sobre os fundadores da cidade e avalia a validade dessas narrativas. Ao longo dos séculos, surgiram diferentes teorias, que atribuem a fundação de Pithecusa a diferentes grupos étnicos gregos, como os eubeus, ou aos fenícios. O texto analisa a evidência histórica e arqueológica por trás dessas teorias e propõe uma reflexão sobre como entender a complexidade da antiga Pithecusa.

Abstract: The present article examines the issue of the origin of Pithecusa, an ancient Greek city, located on the island of Ischia, in the Gulf of Naples. It investigates the historical disputes about the city's founders and evaluates the validity of these narratives. Over the centuries, different theories have emerged, attributing the foundation of Pithecusa to different Greek ethnic groups, such as the Euboeans, or Phoenicians. The text analyses the historical and archaeological evidence behind these theories and proposes a reflection on how to understand the complexity of ancient Pithecusa.

Palavras-chaves:

Pithecusa;
eubeus;
fenícios;
indígenas;
comunidades locais;
identidade.

Keywords:

Pithecusa;
Euboeans;
Phoenicians;
Indigenous.
local communities;
identity.

Recebido em: 21/05/2024
Aprovado em: 13/06/2024

* Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Introdução

Pitecusa,¹ situada atualmente em Ischia, ilha localizada no Golfo de Nápoles, já foi considerada “a mais antiga colônia grega no Ocidente” (Buchner, 1966).² Foi fundada por volta do século VIII a.C., no sul da Península Itálica, região referenciada pelos gregos como Magna Grécia.³ A cidade de Pitecusa foi referenciada por Estrabão (*Geographica*, V, 4, 9) como uma empreitada dos cidadãos de Erétria e da Calcídia, fundações localizadas na ilha da Eubeia, na área da Grécia moderna. Ridgway (1992) interpretou a ilha como essencialmente eubeia, dando protagonismo aos eubeus, na condição de principais atores que colonizaram a ilha.⁴ O uso do termo “eubeu” passa a errônea impressão de que se tratava de uma comunidade homogênea e coesa. Assim, a escolha dos eubeus foi simbólica, pois foram eleitos para serem representantes dos primeiros “gregos” que iniciaram o movimento de “colonização” após a chamada “Idade das Trevas” (Donnellan, 2016, p. 109).⁵ No entanto, a ocorrência de cerâmica eubeia no período entre 750-700 a.C. é escassa, sendo muito mais comum as produções proto-coríntias, e muitas outras do Levante, de Rodas, das fundações fenícias e do mundo indígena (Donnellan, 2016, p. 111). O debate sobre os fundadores originais de Pitecusa ainda se encontra em aberto e, atualmente, vem sendo fomentado por um olhar mais atento em relação aos “novos” velhos protagonistas: os fenícios e as comunidades itálicas, que, antes, eram considerados subordinados aos recém-chegados eubeus.

¹ Em grego, Πιθηκούσσαι.

² No decorrer do texto, optaremos por utilizar o termo *apoikia*. De acordo com o glossário do Labeca, a *apoikia* (em grego: ἀποικία) era uma cidade fundada por grupo de imigrantes gregos, sobretudo a partir do século VIII a.C. As *apoikias* mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado, mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico. Disponível em: <<https://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>. Acesso em: 3 abr. 2024.

³ *Megálē Hellás* (em grego: Μεγάλη Ἑλλάς; em latim: *Magna Graecia*) foi um termo utilizado, por volta do século V a.C., para se referir a todas as áreas do Mediterrâneo colonizadas pelos gregos. No entanto, o uso mais antigo atestado, que faz referência apenas ao sul da Itália e Sicília, foi registrado, no século II a.C., por Políbio (*Histories*, II, 39), e, no século I, por Estrabão (*Geo.*, VI, 1, 2). Atualmente, os pesquisadores que se debruçam sobre a região concordam em a delimitar, de modo muito mais restritivo, a apenas o sul peninsular da Itália (Walsh, 2014, p. 6639).

⁴ Para esse caso, o termo “colonização” foi aplicado apenas para manter o vocábulo utilizado na obra de Ridgway (1992), como será utilizado daqui em diante para outras obras. Porém, é necessário trazer à baila a problemática que envolve a utilização do termo “colonização” para se referir ao processo de expansão, também chamado de diáspora (Woolf, 2013), na Antiguidade Mediterrânea. A aplicação do termo “colonização” acarretaria a criação de paralelos com o período de colonização das Américas. Para evitar ambiguidades e elucidar que o fenômeno ocorrido na Antiguidade difere substancialmente do moderno, utilizaremos o termo expansão ao longo do texto.

⁵ Este é um termo muito debatido devido à suposição de que, após o fim do sistema palacial, todas as regiões tocadas por uma hierarquia bem delimitada, dentro da organização micênica, liderada pelo *wanax*, foram revertidas para uma organização menos complexa. Neste artigo, será utilizado o termo “Idade do Ferro Inicial” (EIA). Souza (2011, p. 29-30) aprofunda esse debate, considerando também a problemática do uso do termo “Idade do Ferro Inicial”.

Quem foram os eubeus?

A ilha da Eubeia se estende por cerca de 220 quilômetros, em paralelo à costa da Ática, Beócia e Lócrida, desde o Golfo de Pagassai até as Cíclades. Seu nome significa “rica em gado”. É a segunda maior ilha do Mar Egeu, depois de Creta. A costa voltada para o Estreito de Euripo, que separa a Eubeia da Beócia, é onde a maioria dos sítios antigos está localizada. A ilha foi habitada por comunidades pré-gregas de dríopes, elópios e perrébios. É dito que Cálcis, uma das principais cidades eubeias, foi fundada pelos jônios como uma colônia de Atenas, antes da Guerra de Tróia (Str., *Geo.*, X, 1, 8).

Em algum momento de sua história, a Eubeia foi habitada pelos Abantes/Abantis, que são considerados por Aristóteles (*Pseudepigraphus*, 601) como trácios da cidade de Abae (Trácia), que migraram para a ilha. Acredita-se que o nome Abantes/Abantis persistiu devido à associação tradicional entre os eubeus e os habitantes guerreiros da Época Homérica (Walker, 2004, p. 3).

Também há registros dos míticos *kouretes*, que teriam sido a população mais antiga e autóctone da ilha. Eles são mencionados como uma população que veio de Creta ou da Etólia, na costa oeste da Grécia continental (Str., *Geo.*, X, 3). Os *kouretes*, de acordo com Estrabão (*Geo.*, X, 3, 19), vieram para Cálcis, de Creta, onde haviam sido sacerdotes e adoradores de Zeus, divindade que teria nascido no Monte Dikte (Lasíti). Dentro dessa tradição, também se creditou aos *kouretes* a introdução do bronze/cobre (*kalkhos*) em Cálcis,⁶ uma antonomásia que gerou o gentílico “calcídios”.

Durante o Período Micênico LHII/IIIC (*Late Helladic* II/IIIC) (~1400-1050 a.C.), acredita-se que os abantes tenham governado toda a ilha. No entanto, a Eubeia permanecia sendo uma região considerada de influência do palácio de Tebas, localizado na Beócia. Esses dados provêm de registros epigráficos tebatanos constituídos por tabuletas, escritas em Linear B, que fazem referência aos toponímicos de *a-ma-ru-to* (que se acredita ser o local da atual cidade de Amarinto) e *ka-ru-to* (atual Caristo), ambas cidades localizadas na Eubeia (Walker, 2004, p. 49).

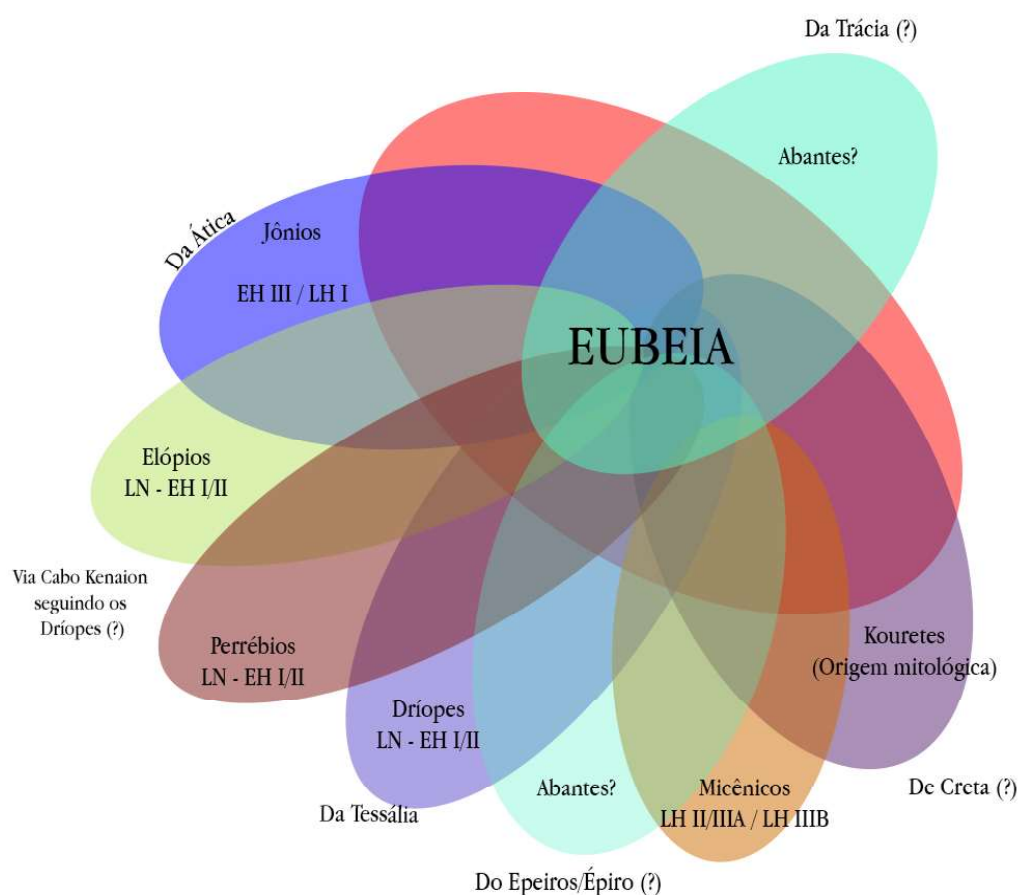
Com a decadência do sistema palacial micênico, por volta de 1200 a.C., um dos principais sítios da Idade do Ferro Inicial na Eubeia se tornou Lefkandi. Walker (2004, p. 51) argumenta que Lefkandi seria a capital do Estado Abante. O governante abante,

⁶ Também existe uma tradição que credita aos *kouretes* uma derivação da palavra grega *koura* (corte de cabelo). Os *kouretes* eram associados a um penteado muito específico da cultura sub-micênica, como na Aitolia e na Eubeia. Os *kouretes* eubeus raspariam a parte da frente de suas cabeças, para não permitir que o inimigo os agarrasse pelo cabelo. Isso evitaria desequilíbrios, pois suas cabeças não seriam puxadas para frente, expondo menos o pescoço. Outras tradições mencionavam esses costumes como distintivos de coragem (*Comae Abanticae*) (Mastrocinque, 1980, 460-462; Walker, 2004, p. 29).

menção como *hegemon*, ao invés de *wanax*, poderia indicar uma posição subordinada ao *wanax* de Tebas. No entanto, com o enfraquecimento do sistema palacial, desde o LHIIIB2 (séc. XIII a.C.) (Middleton, 2008, p. 12), e, muito provavelmente, devido à desordem interna e desastres naturais, Tebas perdera gradualmente influência sobre a ilha. Acredita-se que essa desordem poderia estar correlacionada com uma camada de destruição do início do século XII a.C., encontrada em Lefkandi (Desborough, 1972, p. 12).

A destruição teria sido perpetrada pelos micênicos, dada a continuação do estilo pictórico de cerâmica do período. Além disso, vários corpos foram encontrados mal enterrados sob o chão das casas e vários edifícios da cidade foram destruídos. Essa violência poderia estar relacionada ao fim do sistema palacial, o que, provavelmente, levou a um vácuo de poder sobre a Eubeia. Após o fim do domínio tebano, a população abante de Lefkandi retomou o controle da ilha (Walker, 2004, p. 75-76).

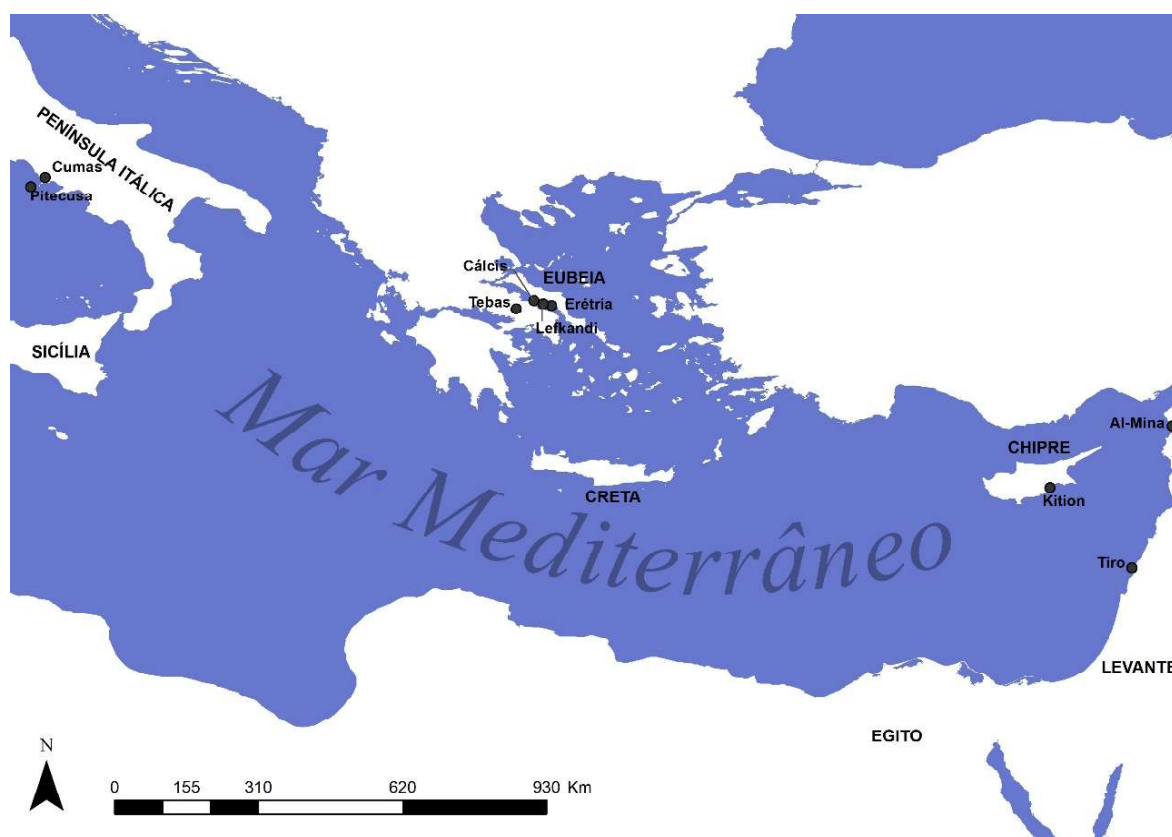
Figura 1 – Diagrama de Venn mostrando uma representação da Eubeia e o influxo de imigrantes até o período Protogeométrico inicial (aprox. 1070-1000 a.C.)



Fonte: feito pelo autor (2024).

Localizado em um promontório (atualmente Xerópolis), o sítio arqueológico de Lefkandi está situado entre Cálcis e Erétria, na área da planície Lelantina (Walker, 2004, p. 46). Em Lefkandi, uma das descobertas mais importantes relacionadas à organização social da Eubeia é o monumento conhecido como *Toumba*. A estrutura é considerada uma das mais antigas e maiores da Idade do Ferro Inicial (~1000-950 a.C.). Como veremos adiante, o monumento também é uma evidência crucial para se entender a relação entre Eubeia, Levante, Chipre e Egito (Crielaard; Driessen, 1994, p. 251; Dominguez, 2017, p. 215).

Figura 2 – Mapa do Mediterrâneo com alguns dos sítios comentados



Fonte: feito pelo autor (2024).

A *Toumba* (Sepultura 79, também conhecida como *Tumba do Comerciante Guerreiro Eubeu*) possui uma forma absidal, medindo aproximadamente 50 metros de comprimento por 10 metros de largura, tendo uma orientação voltada para Leste-Oeste, no topo de uma plataforma nivelada. O acesso era feito através de um alpendre, que levava à Sala Central, ladeada pelas Salas Norte e Sul, enquanto um corredor levava à Sala do *Ábside*, ao Oeste. Provavelmente a estrutura teria um telhado de colmo e seria cercada por uma

varanda de estacas de madeira.⁷ Sob a Sala Central, um duplo poço continha os esqueletos de quatro cavalos, os restos de um possível guerreiro cremado e uma mulher ricamente adornada, mas não cremada (Crielaard, 1998, p. 47; Popham *et al.*, 1993).⁸ O edifício teve um curto período de uso, no chamado Proto-Geométrico Médio. Após ser parcialmente desmontado, foi preenchido e coberto por um monte, sugerindo que poderia ter servido como local de sepultamento de uma importante linhagem (Crielaard; Driessen, 1994, p. 253; Popham *et al.*, 1993).

Na inumação do indivíduo principal, as cinzas foram colocadas em um tecido e armazenadas no interior de uma ânfora cipriota, feita de bronze, disposta dentro de um caldeirão maior, também de bronze. Seu mobiliário funerário engloba os seguintes objetos: espada, navalha de pedra, caldeirão, cerâmicas importadas, a representação de um centauro em cerâmica, cerâmica cipriota, gorjal babilônico, anel de elétron, joias, faiança, selos e escaravelho fenícios.

Devido a essas descobertas e seu tamanho monumental, a *Toumba* foi considerada como o local de nascimento e desenvolvimento da *heroïsation* (Bérard, 1982), onde, *grosso modo*, existiria uma elite detentora de um território e suas principais rotas comerciais. Esse momento seria uma etapa anterior à formação das pólis grega, sendo um ponto fundamental para o estabelecimento da ideia de cidadania e de democracia. Em termos gerais, a *heroicização* é um processo no qual os príncipes usam suas raízes ancestrais, que podem ser naturais ou inventadas, para legitimar seu *status* como elite dominante:

Os mortos da elite exercem, portanto, no contexto institucional da formação da cidade, um poder que seria mais tolerado se fosse detido pelas mesmas pessoas em vida. Por meio dos heróis, a cidade – ou seja, seus herdeiros diretos – resolve um problema de crise de soberania ao preservar certos valores que não podem mais se desenvolver livremente no novo sistema social e político que está se estabelecendo (Bérard, 1982, p. 92; *tradução nossa*).

O fim desse sistema ocorreu gradualmente até o abandono do assentamento de Lefkandi (cerca de 1100-1025 a.C.). Uma das principais evidências dessa mudança foi o surgimento do estilo protogeométrico, que teve início, em Atenas, por volta de 1050 a.C. Lefkandi foi reocupada, mostrando um desenvolvimento ininterrupto da cerâmica geométrica, o que contribuiu para uma melhor compreensão das *empória*,⁹ que se acredita

⁷ O termo “colmo” é usado para descrever o material de cobertura dos telhados, especialmente em construções tradicionais. O colmo é feito de palha, junco e, também, de outros tipos de materiais vegetais semelhantes, e, frequentemente, é usado em áreas rurais para telhados de casas e celeiros.

⁸ Seguindo Sahlins (1963, p. 279), o guerreiro da *Toumba* poderia ter sido um *big-man*, ou seja, uma autoridade que não é um poder político *per se*, mas sim uma posição interpessoal reconhecida pelo seu grupo de origem.

⁹ De acordo com o glossário do Labeca, as *empóriai* (feminino; plural *emporíai*) pode ser definida como um tipo de comércio por mar; centro de comércio; país onde existe grande atividade comercial; porto; cidade; negócio; mercadorias.

serem eubeias, como Al-Mina (Chipre), Cumas e Pitecusa (Campânia). Ao mesmo tempo, o influxo de jônios se acelerava e poderia ser indicado pela presença de importações e imitações de cerâmicas áticas (Walker, 2004, p. 76-77).

Com base nesses dados particulares, Ridgway (1997, p. 28) considerou a Eubeia como detentora de centros mercantis prósperos na fase inicial da Idade do Ferro. Sua própria situação geográfica, próxima de várias ilhas, entre a Grécia e a Ásia Menor, permitia o acesso ao Levante por meio de Quios, Esmirna, ilhas Espórades, Cíclades, Andros até Samos, Rodes, Chipre e à foz do rio Orontes,¹⁰ onde se localizava Al-Mina.

Conforme mencionado anteriormente, em algum momento do século XI a.C., a ilha recebeu um influxo jônico.¹¹ Walker (2004, p. 54) sugere que isso pode ser representado nas fontes textuais, como a narrativa da chegada do irmão de Ion (ou seja, Kothos e Aiklos). Ambos mencionados como fundadores de Cálcis e Erétria, respectivamente.

Os jônios foram creditados como fundadores de vários *demoi* (por exemplo, Athmonon, atualmente Marousi).¹² O influxo jônico ocorreu em algum ponto próximo a Cálcis e, a partir daí, se espalhou para o restante da Eubeia (Walker, 2004, p. 54-55).

Tal como mencionado no início desse artigo, os eubeus, como um todo, são considerados uma das primeiras comunidades “gregas” a zarpar para fundar novos assentamentos no Oriente Próximo e no Ocidente (Lemos, 2020, p. 787-789; Walker, 2004, p. 48). Isso fez Ridgway (1992) chamar os eubeus de “os primeiros gregos ocidentais”, justamente devido à fundação de Pitecusa, uma das primeiras e mais distantes *apoikias* da Eubeia no Mediterrâneo Ocidental. Dentre todos os eubeus, os calcídios, especificamente, foram mencionados como “colonizadores” de numerosas cidades na costa das ilhas do Egeu (na Península Calcídica com Kleonai, Sarta, Gale, Singos, Mekyberna, Sermylia, Pilos e Assera), na Macedônia, na Sicília (Leontini, Catana/Catânia, Naxos, Zancle/Messina) e, em conjunto com a pólis de Erétria, empreenderam a fundação de duas cidades (Pitecusa e Cumas), fato que deu suporte para o estabelecimento de uma vasta rede comercial e cultural, que se estendia do Levante até a Itália. Sendo Cálcis uma das principais cidades na Grécia (Crielaard, 1998, p. 44), a fundação também é mencionada como contribuidora de quarenta navios (Homero, *Iliad*, II, 511) no *Catálogo das Naves* (Hom., *Il.*, II, 494-759),

Disponível em: <<https://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>. Acesso em: 3 abr. 2024.

¹⁰ Identificado como o atual rio Asi, no Levante.

¹¹ É necessário mencionar aqui que um influxo de outras comunidades (por exemplo, o possível influxo de eleianos?) também estava ocorrendo em Eubeia. Durante a Idade do Ferro Inicial (por volta de 1125-900 a.C.), é possível que esse movimento migratório tenha se reduzido. Para uma discussão mais aprofundada sobre o movimento migratório na Eubeia, consulte os capítulos 2 e 3 de Walker (2004).

¹² De acordo com o glossário do Labeca, as *demoi* (δῆμος, ou) podem ser definidas como subdivisões da tribo. Disponível em: <<https://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>. Acesso em: 3 abr. 2024.

que se trata da lista de cada contingente que navegou para Troia, conforme descrito na *Ilíada*, de Homero.

Erétria, por outro lado, era uma das principais pólis da Eubeia (Crielaard, 1998, p. 43). Também mencionada no *Catálogo das Naves* (Hom., *Il.*, II, 511), existem evidências de cerâmica que trazem à luz material do século IX a.C. (Ridgway, 1997, p. 30). Em geral, trata-se de fragmentos sub-protogeométricos encontrados na cidade atual. No entanto, é necessário observar que essa deposição não está relacionada a nenhuma das estruturas do mesmo período conhecidas em Erétria. As evidências estruturais de um possível assentamento datam da primeira metade do século VIII a.C., em associação com cerâmica espalhada em várias áreas da cidade, juntamente com sepultamentos de cremação de cerca de 800-760 a.C., durante a fase Ática Médio-Geométrica II (AMG II) (Mazarakis Ainian, 1987, p. 3). Com essa diversidade de produtos vindos da Ática, várias importações de Creta, Chipre, Egito e Levante, nas formas de cerâmicas e joias, pode-se dizer que há evidência para a existência de uma talassocracia eubeia (Walker, 2004, p. 77).

Relações com o Levante e o norte do Egeu

Como contextualizado, o estabelecimento de Pitecusa foi parte de um processo conectivo muito mais amplo, que estava em andamento não só na Eubeia, mas, também, no Mediterrâneo Oriental. As cidades eubeias estavam profundamente conectadas com as comunidades fenícias,¹³ a Leste. Os eubeus tanto comerciavam quanto navegavam, juntamente com os fenícios, pelas antigas rotas micênicas.

Sendo descendentes diretos dos canaanitas estabelecidos no Levante, os fenícios haviam sobrevivido à chamada “invasão dos povos do mar”, durante o século XIII a.C., e iniciaram seu processo de expansão pelo Mediterrâneo por volta do século IX a.C. Com o fim do sistema palacial, do declínio de Ugarit, do Império Hitita, da Assíria e do Egito como poderes regionais, os fenícios emergiram com importantes centros urbanos, tais como Biblos, Tiro, Sídón, Sarepta, Arados, entre outros (Markoe, 2000, p. 22-25). Cada uma dessas cidades possuiria seu próprio rei. No entanto, compartilhavam da mesma cultura dentro do espaço que ficou conhecido pelos gregos como “Fenícia”.

É quase certo que os fenícios não usavam nenhum desses termos gregos para se referir a si mesmos. Por outro lado, com base em uma raríssima evidência epigráfica,

¹³ Salientamos que os termos “fenícios” e “Fenícia” foram utilizados pelos gregos. No entanto, não há um conjunto documental, de fontes textuais ou epigráficas, robusto o suficiente, que apresente como os próprios fenícios se chamavam. Contudo, sabemos que existem evidências de uma consciência identitária, devido às suas cidades, pois cada indivíduo se referia a si como cidadão tírio, gibliota, sidônios, dentre outros.

os chamados “fenícios” poderiam se referir aos gregos com um termo muito específico. Desde Ugarit, os levantinos chamariam os “gregos” de “ionianos” (em fenício: *hywnym*).¹⁴ Ainda assim, é desconhecido se estavam se referindo, de maneira geral, à Grécia e aos gregos, ou apenas aos próprios jônios. No entanto, pode-se pensar que, talvez, os fenícios estivessem tendo mais contato com os jônios (que haviam adentrado a Eubeia no século XI a.C.?) do que com todos os outros grupos falantes do grego.

Esses centros semíticos se dedicavam a uma variedade de atividades produtivas, sendo algumas de grande importância, como a silvicultura,¹⁵ além da produção têxtil,¹⁶ vítrea e cerâmica. Markoe (2000, p. 22-25) sugere que, com o declínio das grandes potências da época, os centros urbanos semíticos, na condição de locais ideais para a atividade portuária e por se dedicarem principalmente à produção manufatureira e comercial, passaram por mudanças socioeconômicas significativas, tendo que se reinventar para sobreviver. Dessa maneira, os fenícios teriam aproveitado esse momento de vácuo de poder para se expandir. Dada a competição entre as cidades levantinas para se estabelecer sobre outras menores, foi durante o século IX a.C. que Tiro funda Kition, o primeiro assentamento fenício fora do Levante. Dedicado à exploração do cobre, Kition foi fundado na costa sudeste do Chipre, com o nome de “Cidade Nova” (em fenício: *Qart-ḥadašt*), provavelmente durante o reinado de Ithobaal, rei de Tiro e Sídón (Markoe, 2000, p. 28-29).

No mesmo século, os entrepostos de Al-Mina, nas margens do rio Orontes, numa importante rota para a Mesopotâmia, e do reino de Urartu, no planalto Armênio, foram estabelecidos ao norte da Síria, levando à intensificação das trocas comerciais e culturais entre a Grécia e o Levante, mais especificamente entre os eubeus, cipriotas e fenícios. Tal como o caso de Pitecusa, que será apresentado adiante, Niemyer (2004, p. 42-43) argumenta que, sobre Al-Mina, existe um debate a respeito de quais teriam sido seus fundadores, se eubeus ou fenícios. O autor pondera que esse debate, por si só, reforça a ideia de uma competitividade entre fenícios e eubeus (i.e. definidos como gregos em grande parte da historiografia), durante esse período. No entanto, os achados cerâmicos de Al-Mina, datados de c. 750-600 a.C., os quais são sempre utilizados pelos que advogam pela causa pró-helênica, revelam uma quantidade impressionante de jarros e panelas de cozimento eubeias, se comparadas com as cerâmicas cipriotas, cipro-fenícios ou sírias. Por outro lado, aqueles que defendem a causa pró-semítica indicam que os achados cerâmicos de jarros de bebidas podem estar muito mais relacionados à adoção desse tipo

¹⁴ Baseado em Byb. 13.5 (PH) (Krahmalkov, 2000, p. 30; Röllig, 1974, p. 2).

¹⁵ Pela exploração do *Cedrus libani*.

¹⁶ Como a produção da cor púrpura, por meio do molusco *Murex trunculus*.

de importação (incluindo *kotylai* proto-coríntias) aos costumes fenícios, fato que afirmam ser evidente em Cartago ou nas tumbas arcaicas do sul da Espanha (Niemeyer, 2004, p. 42-44).

Em suma, interessa a quem a atribuição de Al-Mina para uma comunidade mediterrânica ou outra? Como é possível perceber, nesse momento, Al-Mina poderia ter sido um dos canais por onde o que seria chamado de estilo “Orientalizante” viria a se desenvolver.¹⁷

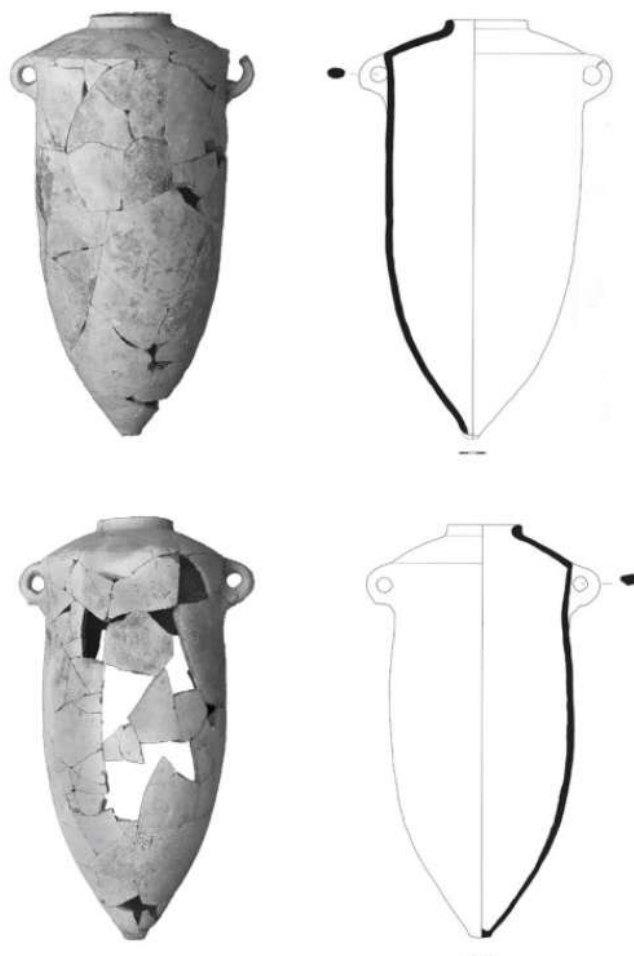
Sendo grega ou fenícia, o que realmente importa aqui é como essas relações culturais estão tão emaranhadas, que não é possível (e nem viável!) desfazer esses nós durante esse período específico. São esses nós que mantêm a coesão da diversidade mediterrânica. A Grécia “bebeu” dos conhecimentos levantinos e os readaptou para a própria construção identitária de suas cidades em momentos posteriores. O que está sendo levantado aqui não é o *ex oriente lux*, ou quem veio primeiro, o grego ou o fenício, mas, sim, a ideia de como as culturas, a partir desses nós, se transformam, se “consolidam” e se transformam novamente.

É justamente essa integração que Ilieva (2019) considera em seu estudo. Mesmo se concentrando em uma área geográfica ainda pouco investigada (norte do Egeu), Ilieva consegue trazer à luz o testemunho escrito e o registro arqueológico, que considera, também, a presença semítica na área. Fragmentos de seis ânforas comerciais fenícias (Figura 3), datadas do século VIII a.C., vieram à tona no *Ypogeio* de Methone,¹⁸ fundação erétrica próxima à atual Nea Agathoupoli, em Pydna-Kolindros. Os recipientes, também conhecidos como “jarros em forma de torpedo”, possuem fortes paralelos que podem ser encontrados no Chipre e no Levante, onde, segundo a autora, essas ânforas foram descobertas ao lado de fornos em áreas de produção oleira. Acredita-se que a cronologia desses depósitos de ânforas poderia estar situada por volta de 730-690 a.C. (Ilieva, 2019, p. 74-75).

¹⁷ Por “estilo orientalizante”, Cook e Dupont (1992, p. 42; 1998, p. 29) entendem como sendo um modelo em que se adotam as formas de animais (representações faunísticas míticas ou naturais de touros, leões, esfinges, lebres, grifos, águias, gansos e humanas, com representação naturalizada, ao invés de suas silhuetas). Esse estilo teria se difundido com mais intensidade a partir de 680 a.C., tendo sido adotado, por Corinto, já no século VIII a.C.

¹⁸ Plutarco (*Questões Gregas*, 293a-b) comenta que os erétrios inicialmente tentaram estabelecer uma colônia na Corcira. No entanto, foram expulsos pelos coríntios e se estabeleceram, então, em Methone.

Figura 3 – Dois jarros fenícios “em forma de torpedo”, encontrados no *Υπογειο* de Methone (séc. VIII a.C.)



Fonte: Ilieva (2019, p. 75).

Como apresentado por Da Hora (2019), o norte do Egeu também foi palco de recepção cultural e ecletismo entre pários, trácios e fenícios. A presença fenícia na região foi atestada por Hérodoto (*Histórias*, VI, 46-47) como tendo acontecido em Tasos. O autor comenta que os fenícios estiveram em Tasos e a povoaram, realizando a exploração aurífera na região de Cenira e Enira. Na longa duração, vemos o desenvolvimento do estilo tasiense, comentado por Da Hora (2019, p. 22). A autora argumenta que Tasos possuiu uma forte tradição orientalizante, que se prolongou por séculos. A pólis foi um importante centro produtivo cerâmico, que adotou uma variedade de técnicas por meio de pintores e oleiros de outros locais da Grécia e do Levante para a sua própria construção identitária (i.e. adoção das figuras negras e versões próprias a partir dos modelos de Quios e da Ática), que se manteve coerente no que tange ao período entre 509 e 501 a.C. (Da Hora, 2019, p. 24-25).

Ainda no norte do Egeu, em Therme, foi encontrado um conjunto cerâmico no interior do túmulo I07 Cipriota (KN28-29), onde também há a presença de cerâmicas fenícias. Uma das descobertas (KN30), um BoR (*Black-on-Red ware*/Cerâmica de verniz negro sobre vermelha), era composta por duas juntas de boca e fragmentos de um gargalo de uma jarra de trilobada (três lábios), de cor vermelha, que preliminarmente foram identificados como produtos “fenícios”. No entanto, após notar sua textura brilhante, Bourogiannis (2007, p. 344) os interpretou como uma imitação das produções fenícias, sendo uma versão do sudeste do Egeu, que teria sido levada ao Norte. Assim, não teria sido uma importação diretamente da Fenícia (Ilieva, 2019, p. 75-76). A única importação identificada como fenícia, no túmulo I07, é a jarra chamada 29α, no estilo *Dipinti*.¹⁹ Sua cronologia é intrigante, pois pertence ao século IX a.C., porém, antecede as importações cipriotas de cerâmica BoR, em Creta. Mesmo com esses dados, Bourogiannis (2007, p. 344) sugere cautela ao considerá-lo como uma evidência da participação fenícia na circulação da cerâmica BoR.

Relações com o norte da África

Como observado por Boardman (2006, p. 198):

A natureza dos primeiros relacionamentos entre gregos e fenícios, no Mediterrâneo Ocidental, tem sido amplamente distorcida na literatura acadêmica pela suposição de que sempre foram rivais, se não inimigos, que linhas divisórias foram traçadas desde o início e, mais recentemente, que os fenícios sempre chegaram primeiro, de modo que qualquer presença grega inicial nessas regiões do Oeste (como Espanha, Sardenha, Tunísia), que posteriormente se tornaram púnicas, deve ter sido introduzida pelos fenícios. Portanto, presume-se que os gregos ‘se focavam na conquista de terras cultiváveis’, enquanto os assentamentos fenícios, nas rotas comerciais, que podem ter sido estabelecidos ‘para se proteger contra a colonização grega’ (tradução nossa).

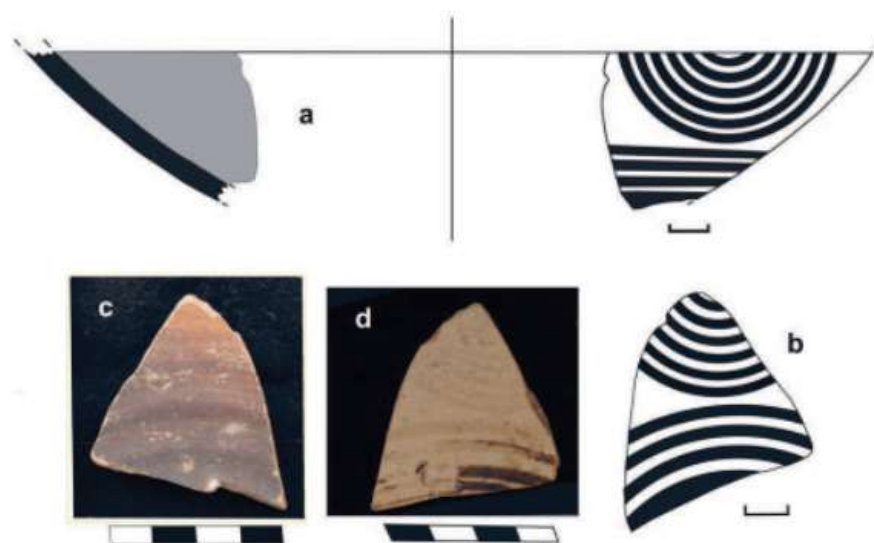
O processo de integração entre eubeus, cipriotas e fenícios, durante os séculos IX e VIII a.C., também alcançou a costa norte da África. A presença de cerâmica eubeia em Cartago (Benichou-Safar, 2004), ainda em seus estágios iniciais, em um dos locais púnicos mais emblemáticos, o *Tofet de Salambô*, poderia indicar que os laços entre fenícios e eubeus ainda eram fortes nesse período. A presença desse tipo cerâmico nos recintos sagrados da necrópole infantil poderia ser uma indicação de emaranhamento cultural entre essa comunidade fenícia diaspórica inicial e os eubeus, no norte da África (Hodder, 2012).

¹⁹ Do italiano “Dipinto” (plural *dipinti*), que se refere às inscrições desenhadas (oposto às gravações).

Segundo Descœudres (2006, p. 13, prancha 3), um conjunto cerâmico eubeu, composto por mais de 10 recipientes de bebida (*skyphoi*, *kotylai* e xícaras) e 1 caneca, aparece em Cartago, pela primeira vez, no período de 750 a 700 a.C. (ou seja, no Geométrico Tardio). A importação desses itens diminuiu do século VIII a.C. ao século VII a.C. A partir deste período, Descœudres (2006, p. 16, prancha 4) argumenta, com base no trabalho de Cintas (1970, prancha 18), que apenas 1 recipiente de bebida foi descoberto em Cartago até o momento de sua pesquisa.

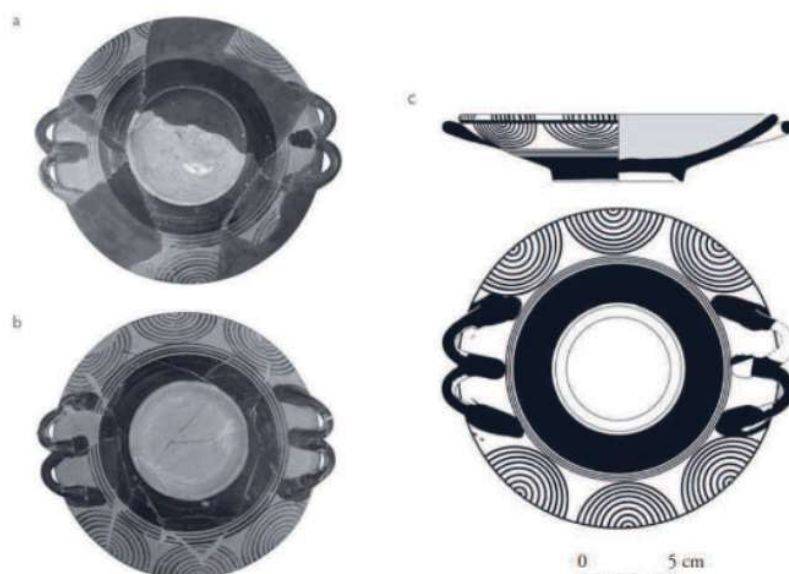
Ainda na nascente metrópole púnica, na encosta sudeste da colina de Byrsa, a acrópole da futura cidade, uma escavação de resgate na moderna rua Astarté foi capaz de identificar várias camadas de ocupação até o solo virgem. No entanto, contra todas as probabilidades, foram encontrados alguns fragmentos de um prato do estilo “pêndulo-circular”, do período Geométrico Médio (Figura 4). Esse fragmento possui paralelos não na Eubeia, mas em Atenas, precisamente na necrópole do Cerâmico (Figura 5) (Papadopoulos, 2015). Inicialmente, os pesquisadores discordaram sobre sua procedência, com alguns argumentando que seriam produtos atenienses, e outros, que seriam importações eubeias. Sua cronologia se encontra entre o Protogeométrico Tardio e o Geométrico Tardio. O problema continua sem uma solução definitiva, pois a cronologia não é um dado que pode ser assegurado com certeza. Em Tiro (Líbano), foi encontrada uma placa eubeia do Sub-Protogeométrico com algumas semelhanças com a encontrada na *Rue Astarté* (Maraoui Telmini, 2014, p. 73-76).

Figura 4 – Fragmentos de um prato do estilo “pêndulo-circular”, do período Geométrico Médio, encontrado na Rua Astarté



Fonte: Maraoui Telmini (2014, p. 73).

Figura 5 – “Pêndulo-circular creditado como sendo necrópole do Cerâmico em Atenas (Protogeométrico Tardio/Geométrico Tardio)



Fonte: Papadopoulos (2015, p. 210).

Domínguez (2017, p. 217) menciona que produções “gregas” do período Geométrico Tardio, de várias tipologias, foram encontradas em Cartago e em Sulcis, na Sardenha. No entanto, ao analisá-la com cautela, observou-se que essa cerâmica eubeia, na realidade, era de origem eubeia-pitecusana.

Pitecusa

Desde a Antiguidade, o nome de Pitecusa tem sido alvo de debate.²⁰ De acordo com Valério Harpocraton (*Léxico dos dez oradores*, 42), o historiador Xenágoras (~90 a.C.) afirmava que o nome viria de *píthekos* (em grego: *πίθηκος*), dada a lenda da presença dos Cércopes em Ischia,²¹ e sua transformação em macacos.

Tal como dito anteriormente, o movimento de expansão eubeu parecia ter acompanhado o ritmo fenício de estabelecimento de assentamentos ao longo do Mediterrâneo. Enquanto essa expansão acontecia, o mesmo se dava com as produções

²⁰ *Pithekoússai* (em grego: *Πιθηκούσσαι*).

²¹ Os círcopes seriam dois irmãos gêmeos, que atormentaram as populações na Lídia (Anatolia ocidental), ou de Oechalia, na Eubeia. Foram capturados por Hércules, que não resistiu à jocosidade dos irmãos e, então, os libertou. Foi Zeus quem os transformou em macacos, após os gêmeos entrarem em conflito com essa divindade. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Georgikos/Kerkopes.html>>. Acesso em: 3 abr. 2024.

eubeias, que estavam em circulação desde Tiro (Levante) até Huelva (Espanha), tendo seu ápice entre 750 e 700 a.C. (Descœudres, 2006).

Foi nesse contexto que ocorreu a fundação de Pitecusa e Cumas (Golfo de Nápoles).²² As evidências arqueológicas foram encontradas, pela primeira vez, no século XVIII, pelo médico Francesco de Siano, que atestou a presença de cerâmicas e telhas antigas, bem como tumbas “pagãs”, no promontório de Monte de Vico. Posteriormente, entre os séculos XVIII e XIX, a área foi explorada pelo suíço J. E. Chevalley de Rivaz, que identificou cerâmica de figuras vermelhas em tumbas de inumação e cremação. Em 1890, Julius Beloch pontuou que Monte de Vico poderia ter sido a Pitecusa mencionada por Estrabão (*Geo.*, V, 4, 9) e Plínio, o Velho (*Naturalis historia*, III, 12, 2) (Ridgway, 1997, p. 55-57).

Em 1900, Ettore Pais encontrou o primeiro assentamento “grego” em uma série de colinas entre Porto d’Ischia e Casamacciola. Já em 1913, Paolo Orsi enviou uma carta a Vitorrio Spinazzola, diretor geral de escavações e museus de Nápoles, alertando-o sobre a localidade. Na carta, Orsi comenta sobre um arquiteto alemão, que havia lhe mostrado um desenho de uma terracota do século VI a.C., objeto que ele afirmava ter sido encontrado na ilha de Ischia, mais especificamente em Monte Vico. Dessa forma, Orsi recomendou ao colega que escavações fossem efetuadas naquela área. No entanto, apenas 17 anos depois, Amadeo Maiuri retomou o interesse pela área, debruçando-se sobre os estudos da antiga Pitecusa. Foi Maiuri quem afirmou que a arqueologia de Ischia era completamente desconhecida. Seu chamado, no entanto, só foi ouvido a partir dos anos 50. Logo depois de Maiuri, Pitecusa foi comentada pelo inglês Alan Blakeway em um estudo sobre o comércio grego (Ridgway, 1997, p. 57).

As escavações, de fato, tiveram início em 1952, sob a coordenação do professor Giorgio Buchner, que se guiou pelos trabalhos anteriores de Maiuri e Blakeway. Buchner escavou a necrópole do Vale de San Montano, em uma área chamada de Scarico Gosetti, na ladeira oriental do Monte Vico, e outra necrópole situada em um bairro metalúrgico identificado em Mazzona, na colina Mezzavia. De acordo com Buchner (1982, p. 5), essas áreas pareciam já estar em funcionamento em 750 a.C., levando-se em consideração as 493 tumbas, datadas de, aproximadamente, 750 a 700 a.C., que foram encontradas em Pitecusa e escavadas entre 1952 e 1961 (Ridgway, 1997, p. 66-67).²³

²² Atualmente localizada no município de Lacco Ameno, no extremo noroeste da ilha de Ischia.

²³ Donnellan (2016, p. 111) sugere uma cronologia mais antiga, entre 775 e 770 a.C., tendo como base as menções de Estrabão.

Fenícios: entre eubeus e indígena

Conforme a identificação das cerâmicas da necrópole de Pitecusa foi se tornando mais detalhada, Buchner (1982) percebeu a presença de material fenício em coexistência com produções eubeias em muitos locais de enterramento. De acordo com Docter (2000), o primeiro caso que tem que ser considerado diz respeito ao enterramento de um conjunto familiar, datado do Geométrico Tardio I, em San Montano. Esse grupo de enterramentos nessa necrópole teria sido atribuído como pitecusanos de origem Levantina (Ridgway, 1992, p. 111).

Docter (2000) aponta que o material encontrado consiste em uma ânfora de transporte de *enchytrismos* na tumba 575, contendo grafite aramaico e símbolos funerários datados de c. 740 a.C. Também há um grafite grego e um sinal não legível no pescoço da ânfora. O grafite foi interpretado como a marca registrada e está relacionado ao uso primário do recipiente de transporte. Outros dois sinais correspondem a essa peça como um “invólucro” para o morto. Há um símbolo em aramaico (ou em fenício) contendo a letra *het*, relacionada à vida, junto ao símbolo de Tanit/Tinnit, muito bem atestado em todo o mundo fenício-púnico.

Outros enterramentos do mesmo conjunto familiar evidenciam a cremação de uma provável mulher (tumba 199); as cinzas de uma criança (menino?) (tumba 574); uma segunda inumação (tumba 577); e um *enchytrismos* (tumba 578). O que salta aos olhos nesse enterramento familiar é o fato de que sua localização não está configurada como distante de outros enterramentos identificados como eubeus, fato que leva Docter (2000) a considerar que essa família estaria bem integrada na sociedade pitecusana.

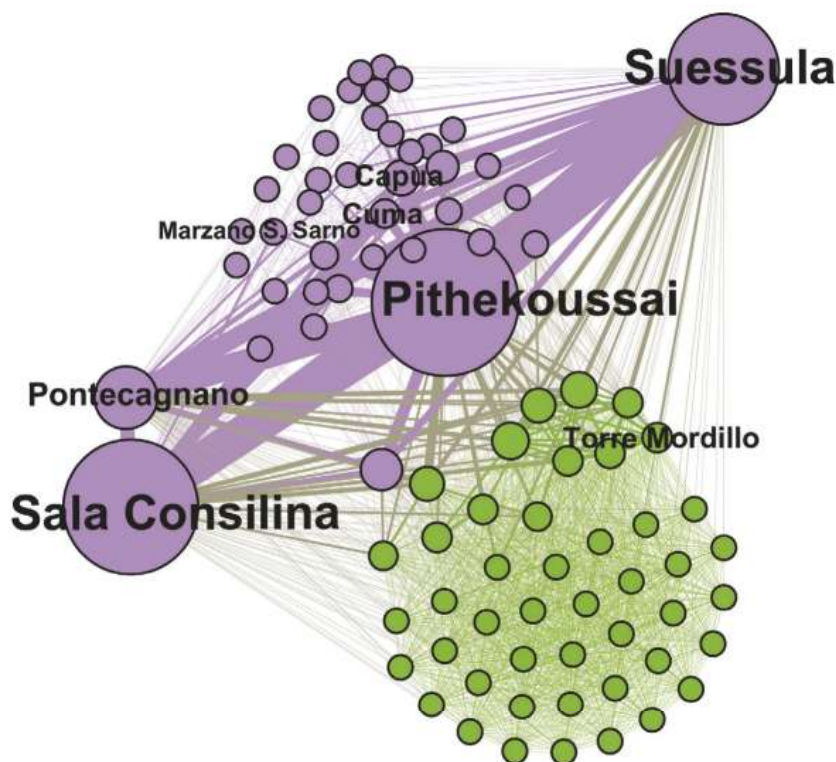
Este não é um caso isolado. Um outro caso, datado do final do século VIII a.C., é o de um *metoikos* também vivendo em Pitecusa. Seu nome foi escrito com as iniciais *al*, em língua semítica ou aramaica, em uma imitação local, feita em verniz negro, de um recipiente de bebida protocoríntio. Esse fragmento teria sido, já na Antiguidade, incorporado à cremação de uma possível mulher, na tumba 232. A cremação teria acontecido em um *ustrinum* e, posteriormente, suas cinzas e seu mobiliário funerário foram coletados e transportados para o local onde foi encontrada. No caminho do transporte, o fragmento contendo o nome foi colocado acidentalmente no dessa pitecusana. Esse fato sugere, de acordo com Docter (2000, p. 139), que o indivíduo que escreveu seu nome na cerâmica tenha sido cremado de acordo com as práticas locais.

No que concerne à população indígena, tal como afirmado por Granser (2022), antes da fundação de Pitecusa, já existia o assentamento indígena de Castiglione,

na ilha que estava em diálogo com outras fundações no continente.²⁴ Durante muito tempo, afirmou-se que os *ápoikoi* “gregos” seriam os agentes ativos, enquanto os locais seriam os passivos (e.g. recebendo a cultura grega, casando suas mulheres itálicas com homens gregos). Essa ideia de subordinação vem sendo contestada nos últimos estudos, uma vez que fica cada vez mais evidente que a interação entre esses grupos possuiria nuances próprias.

Um exemplo apontado pelo autor é o mobiliário funerário pitecusano. Tudo leva a crer que o que era desejado pelos povos indígenas itálicos auxiliou na moldagem da materialidade de Pitecusa. As jóias desses contextos tendem a seguir certos padrões encontrados somente no continente, principalmente as fíbulas itálicas. Tendo como base o catálogo de Lo Schiavo (2010), Granser (2022) apresenta um estudo sobre as redes nodais (Figura 6) e as trocas comerciais entre os centros itálicos e assentamentos não-itálicos.

Figura 6 – Diagrama que demonstra a relação das trocas entre Pitecusa e os centros itálicos



Fonte: Granser (2022, p. 84).

²⁴ Deve-se ter em mente que as comunidades itálicas não podem ser compreendidas como um grupo cultural homogêneo, mas tão variado quanto aqueles que estão chegando em seus litorais.

A presença de certos tipos de fíbula conecta Pitecusa a diferentes locais sul-italícos, formando uma densa rede já no século VIII a.C. Na rede (Figura 6) proposta por Granser (2022, p. 84), dois locais estão conectados se ambos apresentarem o mesmo tipo de fíbula, sendo que a força dos laços entre eles aumenta conforme compartilham mais tipos. A intensidade dessas relações pode ser percebida a partir das trocas de fíbulas entre o centro samnita de Suessula e Pitecusa.²⁵

A necrópole de San Montano se apresenta como um lugar que foi interpretado como tendo sido dividido, inicialmente, em lotes familiares. Acredita-se que existiria a prática da cremação apenas para os indivíduos da primeira geração de *ápoikoi*. Os montes de cremação encontravam-se em vários pontos da necrópole, enquanto as tumbas de inumação estavam dispostas nas bordas dessas mesmas acumulações.

De acordo com Guzzo (2020, p. 128), o indivíduo da inumação 950, identificado como sendo do sexo masculino, maior de 40 anos, e inumado em decúbito dorsal, é um caso de enterramento de difícil interpretação. É datado do Geométrico Tardio II. O indivíduo foi inumado junto a grilhões de ferro, constituídos por dois anéis grossos de seção circular (Figura 7). Também entre seu mobiliário funerário surgiram um escaravelho e uma adaga. Pela interpretação do autor a respeito desses itens, parece que houve um cuidado para colocá-lo sob uma esfera de proteção pela própria simbologia do escaravelho. No entanto, a adaga contrasta, pois é interpretada como um item defensivo ou ofensivo (Guzzo, 2020, p. 128).

Figura 7 – Grilhões de ferro do Geométrico Tardio II da inumação 950



Fonte: Guzzo (2020, p. 128).

²⁵ Os samnitas eram uma comunidade itálica falante da língua osca, estabelecida na região da Campânia.

Esse indivíduo teria sido enterrado antes da construção do monte 938 e dos montes 926 e 937. Dessa maneira, não é possível estabelecer com precisão a relação entre as tumbas e os montes. Guzzo (2020, p. 128-129) sugere que o falecido da inumação 950 possa ter sido parte de um *génos* titular,²⁶ detentor de um espaço familiar na necrópole pitecusana. Também não é possível identificar se teria sido membro desse *génos*, ou por laços sanguíneos ou por aquisição por outros tipos de relação. No entanto, mesmo sendo um indivíduo de elevada importância dentro da comunidade, não devia fazer parte da primeira geração de pitecusanos, que eram tradicionalmente cremados. Teria esse indivíduo sido um escravo de um *génos*, enterrado no lote familiar? Qual teria sido sua origem? Qual a razão da disparidade simbólica de seu mobiliário funerário? Essas são questões que, se respondidas, dariam condições para uma melhor compreensão da dinâmica social pitecusana em seu momento inicial de formação.

Considerações finais

Tal como levantado por Donnellan (2016, p. 112), existe, na literatura, um viés de acordo com o qual os gregos seriam esses constantes civilizadores, ocupantes de terras agrícolas (Boardman, 2006) ou tomadores da iniciativa, enquanto aos fenícios restaria a responsabilidade pelas redes comerciais e se limitariam a ilhotas ou penínsulas com bons portos e rios navegáveis (Moscati, 1999). Os fenícios seriam, portanto, residentes ou mercadores. Nessa “hierarquia historiográfica”, os povos locais seriam considerados escravos, esposos ou esposas, sempre em uma posição subordinada ao colono “grego”. Um dos poucos pesquisadores que tenta compreender o papel social dos locais, Granser (2022), considera que as tumbas masculinas podem ser relacionadas a esse grupo social itálico.

A própria ideia de “grego”, para o caso de Pitecusa, é questionável. Tal como foi posto anteriormente, esses “gregos” seriam os “eubeus”, que, por sua vez, seriam um mesclado de diversas comunidades, falantes e não-falantes de grego.

Para além do debate exaustivo, e sem resultados tangíveis, ou a disputa apenas pela disputa sobre quem fundou Pitecusa, se foram os gregos (i.e. eubeus), fenícios ou indígenas, uma das ideias mais razoáveis é apresentada por Granser (2022, p. 79). Esse autor é muito claro ao argumentar que entende Pitecusa como um “processo sucessivo

²⁶ De acordo com o glossário do Labeca, um *génos* (em grego: *γένος*; plural: *γένε*) seria o agrupamento, o *genos*, ou família, compreendia todos aqueles que eram arrolados como descendentes de um antepassado comum e que possuíam um culto doméstico particular. Disponível em: <<https://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

e descentralizado, no qual pessoas de várias regiões e ambientes sociais estiveram envolvidas”, tal como tentamos ponderar no presente artigo.

A discussão *ad nauseam* sobre quem chegou primeiro, fundou, e merece os méritos sobre a fundação do assentamento de Ischia, só levaria a uma continuação do pensamento utilitarista sobre as comunidades mediterrânicas na Antiguidade. Assim, continuariam a se perpetuar entendimentos limitantes, tais como equalizar gregos à procura por terras aráveis; fenícios (ou, como são lidos de forma generalista, os orientais), ao comércio; dentre outras especialidades menos quistas. Que gregos e fenícios se expandiram pelo Mediterrâneo, isso é um fato. No entanto, pouco vemos a respeito de como as comunidades indígenas de cada região também estiveram relacionadas a esses processos. Sem dúvida, a forma de organização “grega” ou “fenícia” variou ao longo do tempo e de seus espaços de ocupação.²⁷ Acreditar que os fenícios e púnicos se agarravam apenas aos litorais, sem se interiorizar pelas terras, é tão infrutífero quanto pensar que os gregos desprezavam os *metoikoi*,²⁸ que comerciavam em suas pólis. Ambas as comunidades realizavam essas tarefas, tendo como diferencial o modo como as desempenhava.

Nessa fase embrionária e exploratória dos séculos IX ao VII a.C., em que eubeus e fenícios realizavam seus périplos lado a lado, revivendo as antigas rotas micênicas (e as expandindo), não é possível cravar quem fez o que. Não seria prudente tornar comunidades inteiras em padrões de utilidade, ou tentar explicar o fenômeno dessa expansão somente pela necessidade de terras aráveis ou pelo pagamento de tributos para potências maiores. De fato, essas necessidades existiram, mas não foram somente elas que levaram a uma organização socioeconômica no Mediterrâneo que fez dos gregos *ápoikoi*, e dos fenícios, *metoikoi*.

²⁷ O trabalho de Whittaker (1978) é excepcional em apresentar uma forma diferenciada de organização social entre as comunidades locais e as *gentes* que chegaram em seus litorais. Analisando a relação entre cartagineses e líbios, o autor chega à conclusão de que os líbios não seriam escravos em toda sua totalidade; a escravidão existia em Cartago, no entanto, teriam sido trabalhadores rurais sujeitos a uma relação de clientela, que os compeliavam a trabalhar na terra e servir ao exército púnico.

²⁸ Lembremos que as fontes clássicas foram escritas por uma elite, que possuía uma agenda própria e poderia ver, nos *metoikoi*, uma possível ameaça ao seu poder político, tal como foi trabalhado na obra de Soares (2009), na qual o autor se debruça na compreensão dos metecos em Atenas.

Referências

Sítios eletrônicos

Labeca: <<https://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>.

Theoi: <<https://www.theoi.com>>.

ToposText: <<https://topostext.org>>.

Documentação textual

ARISTOTLE. *Pseudepigraphus*. Translated by Valentini Rose. Lipsiae: Teubneri, 1863.

HERODOTUS. *The Histories*. Translated by A. D. Godley. Cambridge: Harvard University, 1920.

HOMER. *Homeri opera in five volumes*. Oxford: Oxford University, 1920.

PLINY THE ELDER. *Natural History*. Translated by J. Bostock and H. T. Riley. London: Taylor and Francis, 1855.

PLUTARCH. *Moralia*. With an English translation by Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University, 1936.

POLYBIUS. *Histories*. Translated by Evelyn S. Shuckburgh. New York. Macmillan, 1889.

STRABO. *The Geography*. Translated by H. C. Hamilton and W. Falconer. London: Bell & Sons, 1903.

VALERIUS HARPOCRATION. *Lexicon in decem oratores Atticos*. Oxford: Typographeo Academico, 1853.

Obras de apoio

BENICHO-SAFAR, H. *Le tophet de Salammbô à Carthage: essai de reconstitution*. Rome: École Française de Rome, 2004. v. 342

BÉRARD, C. Récupérer la mort du prince: héroïsation et formation de la cité. In: GNOLE, G.; VERNANT, J-P. (éd.). *La mort, les morts, dans les sociétés anciennes*. Cambridge: Cambridge University, p. 89-105, 1982.

BOARDMAN, J. Early Euboean settlements in the Carthage area. *Oxford Journal of Archaeology*, v. 25, n. 2, p. 195-200, 2006.

BUCHNER, G. Die Beziehungen zwischen der euböischen Kolonie Pithekoussai auf der Insel Ischia und dem nordwestsemitischen Mittelmeerraum in der zweiten Hälfte des 8. Jhs. v. Chr. In: NIEMEYER, H. G. (ed.). *Phönizier im Westen*. Mainz: Philipp von Zabern, 1982, p. 277-306.

- BUCHNER, G. Pithekoussai, oldest Greek colony in the West. *Expedition Magazine*, v. 8, n. 4, p. 4, 1966.
- CINTAS, P. *Manuel d'archéologie punique*. Paris: Picard, 1970.
- COOK, R. M. *Greek painted pottery*. London: Routledge, 1992.
- COOK, R. M.; DUPONT, P. *East Greek pottery*. London: Routledge, 1998.
- CRIELAARD, J. P. Cult and death in early 7th-Century Euboea: the aristocracy and the polis. *Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux*, v. 27, n. 1, p. 43-58, 1998.
- CRIELAARD, J. P.; DRIESSEN, J. The Hero's Home. Some reflections on the building at Toumba, Lefkandi: M. R. Popham, P. G. Calligas-L et H. Sackett eds., *Lefkandi II*, 1-2, 1990-1992. *Topoi: Orient-Occident*, v. 4, n. 1, p. 251-270, 1994.
- DA HORA, J. F. A cerâmica de figuras negras no Mediterrâneo: Grécia do Leste no norte do Egeu – a recepção em Tasos. *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 32, n. 2, p. 11-27, 2019.
- DESBOROUGH, V. R. D'A. *The Greek Dark Ages*. New York: St. Martin, 1972.
- DESCŒUDRES, J-P. Euboean pottery overseas (10th to 7th centuries BC). *Mediterranean Archaeology*, v. 19, n. 20, p. 3-24, 2006.
- DOCTER, R. F. Pottery, graves and ritual I: Phoenicians of the first generation in Pithekoussai. In: BARTOLONI, G.; CAMPANELLA, L. (ed.). *La ceramica fenicia di Sardegna: dati, problemi, confronti*. Roma: Consiglio nazionale delle ricerche, 2000, p. 135-149.
- DOMINGUEZ, A. J. Euboeans in the Far West? New data and interpretations. In: TANKOZIC, Z.; MAVRIDIS, F.; KOSMA, M. (ed.). *An island between two worlds: The Archaeology of Euboea from Prehistoric to Byzantine times*. Athens: Norwegian Institute at Athens, 2017, p. 215-234.
- DONNELLAN, L. 'Greek colonisation' and Mediterranean networks: patterns of mobility and interaction at Pithekoussai. *Journal of Greek Archaeology*, v. 1, p. 109-149, 2016.
- GRANSER, E. Pithekoussai (Ischia): colonisation vs. participation. *Proceedings of the 19th International Congress of Classical Archaeology*, v. 32, p. 79-94, 2022.
- GUZZO, P. G. Ceppi in ferro da sepoltura e da santuari (VIII-I sec. a.C.). Problemi di interpretazione. *Aristonothos*, n. 16, p. 127-202, 2020.
- HODDER, I. *Entangled: an archaeology of the relationships between humans and things*. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.
- ILIEVA, P. Phoenicians, cypriots and euboeans in the Northern Aegean. *Athens University Review of Archaeology*, v. 2, p. 65-102, 2019.
- KRAHMALKOV, C. *Phoenician-Punic Dictionary*. Leuven: Peeters, 2000.
- LEMOS, I. S. *Euboea: a companion to the Archaeology of Early Greece and the Mediterranean*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2020, p. 787-813.

- LO SCHIAVO, F. *Triumph and limitations of the 'corpus': the Late Bronze Age and Early Iron Age fibulae of southern Italy*. Stuttgart: Franz Steiner & Mainz, 2010.
- MARAOUI TELMINI, B. An Attic Middle Geometric plate in Euboean Pendent Semi-Circle Style from Carthage. *Carthage Studies*, v. 8, p. 73-82, 2014.
- MARKOE, G. *Phoenicians*. Berkeley: University of California, 2000.
- MASTROCINQUE, A. La *kourà* degli Eubei e la Guerra Lelantea. *Athenaeum*, v. 58, p. 460-462, 1980.
- MAZARAKIS AINIAN, A. Geometric Eretria. *Antike Kunst*, v. 30, n. 1, p. 3-24, 1987.
- MIDDLETON, G. D. *The collapse of palatial society in LBA Greece and the postpalatial period*. Durham: University of Durham, 2008.
- MOSCATI, S. *The Phoenicians*. New York: Rizzoli, 1999.
- NIEMEYER, H. G. Phoenician or Greek: is there a reasonable way out of the Al Mina debate? In: TSETSKHLADZE, G. (ed.). *Ancient West & East*. Leiden: Brill, 2004. p. 38-50.
- PAPADOPOULOS, J. K. Owls to Athens: imported pottery in Early Iron Age Athens. In: VLACHOU, V. (ed.). *Workshops and Early Iron Age society: function and role of ceramics in Early Greece*. Brussels: Étude d'Archéologie, 2015, p. 201-215.
- POPHAM, M. R. et al. (ed.). *Lefkandi II: the protogeometric building at Toumba. Part 2: the excavation, architecture and finds*. Athens: The British School at Athens, 1993, p. 1-101.
- RIDGWAY, D. El alba de la Magna Grecia: Pitecusa y las primeras colonias griegas de Occidente. Barcelona: Crítica, 1997.
- RIDGWAY, D. *The first western Greeks*. Cambridge: Cambridge University, 1992.
- RÖLLIG, W. Eine neue phönizische Inschrift aus Byblos. *Neue Ephemeris für Semitische Epigraphik*, v. 2, p. 1-15, 1974.
- SAHLINS, M. Poor man, rich man, big man, chief: political types in Melanesia and Polynesia. *Comparative Studies in Society and History*, v. 5, n. 3, p. 285-303, 1963.
- SOARES, F. A. M. *A democracia ateniense pelo avesso: os metecos e a política dos discursos de Lísias*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- SOUZA, C. D. As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, suplemento 13, p. 7-316, 2011.
- WALKER, K. G. *Archaic Eretria: a political and social history from the earliest times to 490 BC*. London: Routledge, 2004.
- WALSH, J. St. P. Sicily and Magna Graecia, Archaeology of. In: SMITH, C. (ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York: Springer, 2014. p. 6639-6649.
- WHITTAKER, C. R. Land and labour in North Africa. *Klio*, v. 60, n. 60, p. 331-362, 1978.

WOOLF, G. Diasporas and colonization in Classical Antiquity. In: NESS, I (ed.). *The encyclopedia of global human migration*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013.

ΜΠΟΥΡΟΓΙΑΝΝΗΣ, Γεώργιος. Κυπριακή και φοινικική κεραμική στο Αιγαίο κατά τους πρώιμους ιστορικούς χρόνους: εμπορικά δίκτυα και το πρόβλημα του Black-on-Red. Athens: University of Athens, 2007.